

# A PESQUISA SOBRE GÊNERO NO BRASIL: O QUE MOSTRAM OS DADOS DO SIGET E DA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Sílvio Ribeiro da SILVA  
(Universidade Estadual de Campinas/Universidade Federal de Goiás)

*ABSTRACT: In my doctorate research on works with argumentative genres at school, we quantified what was presented in the first three SIGET (papers, lectures/conferences/round tables, mini-courses/workshops) concerning speech genres. The aim was to survey what is being researched in graduate courses concerning genres, specially on teaching them, for people who had presented works were all part of some graduate program, either as students or teachers. Quantification was done by means of categories especially elaborated for classifying works and these data were compared with others coming from CAPES regarding academic production (dissertations and theses) in seven Brazilian universities offering graduate courses in Applied Linguistics. This work presents these data to allow for identifying not only the kind of works presented in the three SIGET events, but also what is being researched on genre in Brazil, both in general and specifically on argumentative ones.*

*KEYWORDS: speech genres; academic-scientific production; academic events*

## 1. Introdução

Neste artigo, apresento um levantamento quantitativo do que foi apresentado nos três primeiros SIGET, o primeiro e até então único evento específico sobre gêneros textuais/discursivos no Brasil, sob forma de comunicação, palestra/conferência/roda de conversa, minicurso/oficina, acerca dos gêneros de maneira geral e em específico sobre os argumentativos. O objetivo dessa quantificação foi visualizar o que vem sendo pesquisado acerca do gênero na pós-graduação, em especial ligado ao seu ensino, tendo em vista que os participantes que apresentaram trabalhos são ligados a um programa dessa natureza, seja na condição de aluno, seja na condição de professor. Para a quantificação elaborei categorias para o enquadramento, bem como cruzei esses dados com outros obtidos via CAPES a respeito da produção acadêmica (dissertações e teses) em sete universidades brasileiras que oferecem pós-graduação em Linguística Aplicada. Pretendo, com isso, mostrar aos interessados no tema/assunto o que mais tem chamado a atenção dos pesquisadores brasileiros acerca do gênero textual/discursivo.

Para atingir esse objetivo, este artigo está dividido em 8 seções. Inicialmente, apresento a origem do interesse do estudo sobre o gênero. Em seguida, situo o SIGET, Simpósio de Gêneros Textuais, abordando como se deu o seu início, bem como apresento alguns dados quantitativos acerca dos três eventos já realizados. Na sequência, apresento, separadamente, dados sobre cada um dos três simpósios ocorridos, seus temas e subtemas e grupos de trabalho, além de mostrar as categorias elencadas, cuja finalidade é enquadrar todos os trabalhos apresentados no evento (comunicações, mesas-redondas, palestras, dentre outros). Posteriormente, apresento o que vem sendo estudado sobre gênero em sete programas de Pós-Graduação *stricto sensu* para, em seguida, mostrar dados relativos ao SIGET e à Pós-Graduação acerca dos gêneros da ordem do argumentar. Por fim, aparecem as considerações finais e as referências bibliográficas.

## 2. A gênese da discussão da noção de gênero

A noção de gênero tornou-se objeto de interesse e de pesquisa no contexto escolar e acadêmico mundial, muito mais na Linguística Aplicada do que em outras áreas. Assim, o

estudo dos gêneros tem sido desenvolvido a partir de concepções teóricas e terminológicas ora idênticas, ora diversas<sup>1</sup>. O seu conceito não tem sido mostrado de maneira homogênea, mas a partir de variadas concepções, cujos alicerces vêm de correntes teóricas diversas, como os da Antropologia, por exemplo (RODRIGUES, 2004).

O estudo do gênero foi uma temática que interessou os antigos e que tem atravessado as preocupações de estudiosos da linguagem. Porém, a questão dos gêneros não foi preocupação da Lingüística durante muito tempo (BRANDÃO, 2002). Essa falta de preocupação da Lingüística nos tempos passados tem explicação: enquanto ciência da linguagem, é recente. Logo que surgiu, preocupou-se com unidades menores que o texto, só depois vindo a direcionar seu foco sobre o texto. Só a partir de então é que se preocupou com o gênero<sup>2</sup>. Essa preocupação tornou-se mais evidente quando ela abandonou o trabalho apenas com textos literários e assumiu um trabalho voltado para quaisquer textos.

Antes de ser discutida pela Lingüística, a noção de gênero foi tratada por Platão e Aristóteles<sup>3</sup>. Todorov (1990) diz que, num primeiro momento, a clássica distinção entre poesia e prosa dava início à preocupação em se separar os textos em modalidades<sup>4</sup>.

Seguinte a essa primeira distinção houve aquela que diferenciava o Lírico, o Épico e o Dramático, vistos, desde Platão, como as três formas fundamentais da Literatura. Essa classificação permanece em evidência até os dias de hoje. Outra classificação bastante antiga era entre a Tragédia e a Comédia. Uma outra se refere à teoria dos três estilos (BRANDÃO, 2002): Elevado, Médio e Humilde.

Além dessas tradicionais classificações da Literatura, a Retórica também mostrou que usava o método da classificação. Para ela, existem três tipos de discursos, que são definidos pelas circunstâncias em que são pronunciados: Deliberativo, Judiciário e Epidítico. Segundo Bakhtin (1952-53/1979), a Retórica deu maior atenção à natureza social dos gêneros, ressaltando a atitude face ao interlocutor e a sua influência na construção do enunciado. Apesar disso, o estudo dentro dos limites de uma determinada esfera encobriu a natureza comum dos gêneros.

Conforme Marcuschi (2002), uma observação histórica do surgimento dos gêneros revela que povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética, por volta do século VII a.C., multiplicaram-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. A partir do século XV, os gêneros expandiram-se com o florescimento da cultura impressa para dar início a uma grande ampliação.

Com essa ampliação, a discussão sobre o gênero tem sido cada vez mais visível. Seu conceito vem sendo cada vez mais notado em variados trabalhos, não só de linguagem, mas também de outras áreas.

BHATIA (1997) pergunta:

O que tem esse termo e a área de estudos que ele representa para atrair tanta atenção? O que lhe permite agrupar sob o mesmo guarda-chuva terminológico críticos literários, retóricos, sociólogos, cientistas cognitivistas, especialistas

---

<sup>1</sup> Os estudos bakhtinianos sobre gênero deixam transparecer uma terminologia variada, além de uma grande diversidade conceitual. ROJO (2005) fez uma análise de toda essa problemática da variação terminológica e conceitual nas pesquisas que tomam Bakhtin como referência.

<sup>2</sup> Bakhtin (1952-53/1979) diz que a Lingüística passou por uma fase em que a natureza comum dos gêneros permaneceu intocada, porque os estudos ficaram restritos aos gêneros cotidianos, tomando-se por modelo de análise, muitas vezes, enunciados “intencionalmente primitivos”, como nos estudos behavioristas norte-americanos (RODRIGUES, 2004).

<sup>3</sup> Aristóteles classificava os gêneros em três: judiciário, deliberativo e demonstrativo, caracterizando o texto em partes conversacionais abstratas (BONINI, 2001).

<sup>4</sup> Na Literatura, tanto na Antigüidade quanto na época contemporânea, a análise dos gêneros sempre esteve direcionada para o ângulo artístico-literário, para as distinções dentro dos limites da literatura.

em tradução automática, lingüistas computacionais e analistas do discurso, especialistas em Inglês para Fins Específicos e professores de língua? O que é isso que nos permite reunir sob o mesmo rótulo publicitários, especialistas em comunicação empresarial e defensores do Inglês Simplificado? (CANDLIN, 1993 [ix]).

A resposta à pergunta demonstrará que o interesse crescente pelo gênero faz aumentar consideravelmente o número de pesquisas a seu respeito, inclusive com o surgimento de um evento específico no Brasil, o qual ganha cada vez mais projeção não só no país, mas em outros, cujos pesquisadores também se interessam pela questão do gênero.

### **3. O SIGET – Simpósio de Gêneros Textuais<sup>5</sup>**

O SIGET nasceu a partir da coordenação de um projeto de pesquisa interdisciplinar feito pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Lopes Cristóvão, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Desse projeto, participavam, além da citada professora, uma professora de português, uma de espanhol e vários alunos da graduação, todos da UEL. O grupo, segundo sua coordenadora, já tinha várias participações em congressos e várias publicações.

Com o andar das pesquisas, surgiu a necessidade de discussão com outros grupos e de aprofundamento teórico e metodológico. Assim, a coordenadora do projeto de pesquisa *Modelos Didáticos de Gêneros: uma abordagem para o ensino de LE e LM*, e as professoras Doutoras Adja Durão e Elvira Nascimento, colaboradoras do projeto, se dedicaram à organização de um evento temático para proporcionar um espaço de intercâmbio de resultados de pesquisa nessa área e de amadurecimento do grupo. Como a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adja Durão coordenava projeto na área de Lingüística Contrastiva, juntaram os dois grupos de pesquisa a fim de promover um único evento.

O SIGET é um evento da área dos estudos lingüísticos que tem como objetivos congregar pesquisadores envolvidos em estudos sobre Gêneros Textuais e divulgar estudos teóricos e aplicados que possam contribuir para releituras de diferentes enfoques e abordagens. Trata-se de um evento único e fundador, pois no Brasil não se tem notícia de outro evento científico que tenha como enfoque principal o estudo teórico e aplicado de gêneros textuais.

O evento trabalha com o pressuposto de que é responsabilidade central do ensino formal desenvolver a consciência sobre como a linguagem se articula em ação humana no mundo. Para isso, sempre tem buscado reunir pesquisadores, professores, alunos e demais interessados na área para angariar subsídios que tragam auxílio ao desafio de criar novas práticas de ensino da linguagem, especialmente no que tange à explicitação de como, através de textos orais e escritos, as pessoas adquirem, transmitem e recriam formas de conhecimento, estabelecem relações sociais, constroem e se defrontam com identidades diversas.

O SIGET já foi realizado três vezes, em três instituições diferentes como mostrado abaixo.

---

<sup>5</sup> Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Lopes Cristóvão, pelas valiosas informações acerca do SIGET, imprescindíveis para a redação deste artigo.

<b>Dias e ano de realização</b>	<b>Local de realização</b>	<b>Número aproximado de participantes</b>
08 e 09 de novembro de 2003	Universidade Estadual de Londrina/PR	200
05, 06 e 07 de agosto de 2004	Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória/PR	500
17, 18 e 19 de agosto de 2005	Universidade Federal de Santa Maria/RS	número não informado

Quadro 1: Informações sobre data, local e número de participantes do SIGET

Para melhor visualização do que foi discutido no evento, passo, na seqüência, a apresentar informações acerca de cada um dos três simpósios.

### 3.1- I SIGET<sup>6</sup>

O I SIGET (Simpósio Internacional de Lingüística Contrastiva e Gêneros Textuais) ofereceu aos participantes conferências, mesas-redondas, comunicações orais e mini-cursos. No total, foram apresentados 105 trabalhos nas modalidades anteriormente mencionadas, sendo 7% do total conferências e mesas-redondas, 87% comunicações orais e 6% mini-cursos. Pelo elevado número de comunicações, pode-se concluir que o evento teve grande maioria de estudantes de pós-graduação.

As comunicações foram organizadas em dois temas: **Lingüística Contrastiva** e **Gêneros Textuais**. Os trabalhos do primeiro grupo temático foram separados em subtemas, como mostro na seqüência:

<b>Tema – Lingüística Contrastiva</b>	<b>Subtema</b>	Gramática Contrastiva
		Léxico, Semântica, e Pragmática Contrastiva
		Análise de Erros
		Fonética e Fonologia Contrastiva/Lexicologia/Tradução
		Estudo de Interlíngua de Aprendizes de LE/L2, Lexicologia e Retórica Contrastiva
		Lingüística Contrastiva e Ensino

Quadro 2: Subtemas do tema Lingüística Contrastiva

O número percentual de trabalhos apresentados em cada um dos subtemas, em relação ao número total, é o seguinte:

<sup>6</sup> Embora eu já esteja chamando o primeiro evento de SIGET, essa sigla só passou a ser usada oficialmente a partir do segundo.

Gramática Contrastiva	<b>39%</b>
Análise de Erros	<b>14%</b>
Fonética e Fonologia Contrastiva/Lexicologia/Tradução	<b>14%</b>
Estudo de Interlíngua de Aprendizes de LE/L2, Lexicologia e Retórica Contrastiva	<b>14%</b>
Léxico, Semântica, e Pragmática Contrastiva	<b>11%</b>
Linguística Contrastiva e Ensino	<b>8%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Tabela 1: Valor percentual de trabalhos do tema linguística contrastiva

Os trabalhos do segundo grupo temático tiveram os seguintes subtemas.

Tema – Gêneros Textuais	Subtema	Gêneros Textuais e Ensino
		Aspectos Teóricos e Metodológicos em Pesquisas em Análise de Gêneros Textuais
		Análise de Gêneros Textuais

Quadro 3: Subtemas do tema gêneros textuais

O número percentual de trabalhos apresentados em cada um dos subtemas, em relação ao número total, é o seguinte:

Análise de Gêneros Textuais	<b>50%</b>
Gêneros Textuais e Ensino	<b>26%</b>
Aspectos Teóricos e Metodológicos em Pesquisas em Análise de Gêneros Textuais	<b>24%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Tabela 2: Valor percentual de trabalhos do tema Gêneros Textuais

Além das comunicações, houve encontro de grupos de trabalho, organizados nos seguintes temas:

1. Modelos Didáticos de Gêneros: questões teóricas e aplicadas.
2. A Descrição da Infra-Estrutura das Histórias em Quadrinho.
3. A Infra-Estrutura Textual da Notícia.
4. O Desenvolvimento da Temática *Celebridades* em Notícias e Biografias.
5. A Presença da Língua Inglesa no Discurso de *Fôlderes* Bancários.
6. Análise de Discurso de *Fôlderes* Institucionais.
7. A Presença da Língua Inglesa na Linguagem Publicitária: o caso de Porto União E União da Vitória.
8. O Enunciado além de Bakhtin.

Não tecerei maiores comentários, além dos já feitos, a respeito do foco dado pelo evento à Linguística Contrastiva, já que ela não constitui para mim interesse neste artigo.

Os trabalhos apresentados no evento com o foco voltado para o gênero foram diversos. A fim de facilitar a visualização dos tipos apresentados, procedi a uma tipologização, segundo sua abordagem, da seguinte forma:

1. Gêneros textuais: são os trabalhos que explicitamente afirmam fazer uso ou se enquadrar nas perspectivas dessa noção, citando teóricos como Swales, Bronckart, Bhatia, Marcuschi, dentre outros.
2. Gêneros textuais e do discurso: são os trabalhos que usam ou se enquadram nas duas perspectivas, citando, portanto, seus autores mais consagrados.
3. Gêneros do discurso: são os trabalhos que explicitamente afirmam fazer uso ou se enquadrar nas perspectivas dessa noção, citando, em especial, Bakhtin.
4. Gênero específico: são os trabalhos que não afirmam explicitamente o pertencimento a nenhuma das duas perspectivas (textual ou discursiva). São trabalhos sobre um gênero exclusivo.
5. Gênero *genérico*: são os trabalhos que não afirmam explicitamente pertencimento a nenhuma das duas perspectivas e nem a um gênero exclusivo. Apenas trazem a noção de gênero.

Em se tratando de valores percentuais, as ocorrências para cada uma das categorias foram as seguintes<sup>7</sup>:

1. Gêneros textuais: 38%
2. Gênero específico: 32%
3. Gêneros do discurso: 14%
4. Gênero *genérico*: 13%
5. Gêneros textuais e do discurso: 3%

Por se tratar de um evento sobre Gêneros textuais, achei que o valor de trabalhos apresentados nesse foco específico não foi tão significativo.

### 3.2- II SIGET

O II SIGET contou com a participação de importantes pesquisadores sobre gênero no/do Brasil. O evento ofereceu aos participantes palestras, conferências, mesas-redondas, comunicações orais e painéis. No total, foram apresentados 152 trabalhos nas modalidades anteriormente mencionadas, sendo 7% do total palestras, conferências e mesas-redondas, 88% comunicações orais e 5% painéis. Mais uma vez, foi grande a participação de alunos de graduação e pós-graduação.

Seguindo a tipologia elaborada por mim a respeito dos trabalhos apresentados, em se tratando de valores, ficam assim quantificados segundo as categorias anteriormente detalhadas:

1. Gênero específico: 38%
2. Gêneros textuais: 31%
3. Gêneros do discurso: 15%
4. Gênero *genérico*: 15%
5. Gêneros textuais e do discurso: 1%

Pelo que pode ser visto, o número de pesquisas a respeito dos gêneros específicos (história em quadrinhos, cardápio, fábula, verbete, etc.) é grande. A abordagem sobre esses gêneros varia. Alguns trabalhos são sobre o ensino do gênero, outros discutem questões estruturais e composicionais do gênero, por exemplo. O valor consideravelmente alto de

---

<sup>7</sup> Para a quantificação desses dados, exclui os trabalhos referentes à Linguística Contrastiva.

trabalhos sobre gêneros textuais mostra que muito tem sido feito a partir dessa noção, embora nos dados apresentados na próxima parte deste artigo a respeito das linhas, projetos de pesquisa e trabalhos defendidos nos programas de pós-graduação em Linguística Aplicada, o gênero textual não apareça<sup>8</sup>.

### 3.3- III SIGET

No III SIGET a configuração do evento passou a ser internacional. Além de contar com a participação de importantes pesquisadores sobre gênero no Brasil, pela primeira vez teve a participação de um convidado estrangeiro: o Prof. Charles Bazerman, da Gevirtz Graduate School of Education – University of California.

O evento ofereceu aos participantes palestras, mesas-redondas, comunicações orais e oficinas. No total, foram apresentados 193 trabalhos nas modalidades anteriormente mencionadas, sendo 4% do total palestras e mesas-redondas, 87% comunicações orais e 9% oficinas. Pelo elevado número de comunicações, pode-se concluir que o evento teve, mais uma vez, grande maioria de estudantes de pós-graduação.

Pela segunda vez os trabalhos inscritos foram enquadrados em linhas temáticas, diferentes das linhas do primeiro evento, organizadas da seguinte forma:

1. Análise de gêneros textuais
2. Gêneros textuais, ensino e aprendizagem da linguagem
3. Gêneros textuais e formação de professores
4. Metodologia de análise de gêneros textuais
5. Outros tópicos relacionados aos gêneros textuais

Em se tratando de valores, os trabalhos apresentados no evento foram assim quantificados, segundo as linhas temáticas acima:

1. Gêneros textuais, ensino e aprendizagem da linguagem: 39%
2. Análise de gênero textual: 30%
3. Gêneros textuais e formação de professores: 14%
4. Outros tópicos relacionados aos gêneros textuais: 13%
5. Metodologia de análise de gêneros textuais: 4%

A partir desses dados, pode-se perceber que há uma quantia razoável de pesquisadores interessados pela problemática do ensino e aprendizagem de linguagem, relacionado ao gênero.

O alto índice de trabalhos sobre análise de gênero é confirmado também pelos dados mostrados nas categorias elencadas por mim anteriormente, uma vez que no II e III SIGET houve 38% e 40%, respectivamente, de trabalhos apresentados a respeito de gênero específico.

Com relação às categorias criadas para o enquadramento dos trabalhos apresentados, os valores quantitativos são os seguintes:

1. Gênero específico: 40%
2. Gênero *genérico*: 24%
3. Gêneros textuais: 22%

---

<sup>8</sup> Com exceção do trabalho de doutorado *A estrutura e o funcionamento de gêneros de texto do processo civil: petição inicial, contestação e sentença* de autoria de Emanuel M. C. Silva, defendido em 2002 na PUC/SP sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Beth Brait.

4. Gêneros do discurso: 12%
5. Gêneros textuais e do discurso: 2%

#### 4. O que vem sendo estudado sobre gênero na universidade – a pós-graduação *stricto sensu* em lingüística aplicada

Certamente, muitos trabalhos no Brasil têm sido feitos nas universidades e faculdades sobre gênero. Esses trabalhos são tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação (*lato sensu* ou *stricto sensu*). Infelizmente não é possível rastrear o que vem sendo feito em nível de graduação e pós-graduação *lato sensu*. Essa tarefa traria muita dificuldade a quem se dispusesse realizá-la, tendo em vista a enormidade de cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* nas universidades e faculdades brasileiras.

Já em nível *stricto sensu*, o rastreamento é possível a partir de dados obtidos no portal CAPES. Pelo endereço eletrônico [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br), o pesquisador consegue saber quais as universidades que oferecem pós-graduação no Brasil nas áreas de Letras (Letras/Lingüística) e Lingüística (Letras/Lingüística).

Segundo dados da CAPES, o número de cursos de pós-graduação na grande área Lingüística, Letras e Artes é considerável, como é possível observar nos dados a seguir.

Grande Área: <i>Lingüística, Letras e Artes</i>									
Área (Área de Avaliação)	Programas e Cursos de Pós-Graduação					Totais de Cursos de Pós-Graduação			
	Total	M	D	F	M/D	Total	M	D	F
<u>Artes (Artes/Música)</u>	27	17	0	0	10	37	27	10	0
<u>Letras (Letras/Lingüística)</u>	76	33	0	1	42	118	75	42	1
<u>Lingüística (Letras/Lingüística)</u>	20	8	0	0	12	32	20	12	0
<b>Total de Lingüística, Letras e Artes</b>	<b>123</b>	<b>58</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>64</b>	<b>187</b>	<b>122</b>	<b>64</b>	<b>1</b>

Cursos:

M - Mestrado Acadêmico, D - Doutorado, F - Mestrado Profissional

Programas:

M/D - Mestrado Acadêmico/Doutorado,

Tabela 3: Cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Lingüística, Letras e Artes

É pequeno o número de instituições brasileiras que oferecem programa de pós-graduação *stricto sensu* em Lingüística Aplicada na área *Lingüística*. Do total geral, apenas 25% fica enquadrado nesse tipo de programa. Esse número pode ser visualizado a seguir.

GRANDE ÁREA: LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES					
ÁREA: LINGÜÍSTICA					
PROGRAMA	IES	UF	CONCEITO		
			M	D	F
<u>Linguística Aplicada</u>	UNB	DF	3	-	-
<u>Linguística Aplicada</u>	UNISINOS	RS	3	-	-
<u>Linguística Aplicada</u>	UNICAMP	SP	5	5	-
<u>Linguística Aplicada</u>	UNITAU	SP	3	-	-
<u>Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem</u>	PUC/SP	SP	5	5	-

Tabela 4: Instituições que oferecem pós-graduação *stricto sensu* na área Linguística (Letras/Linguística)

Duas instituições que oferecem programa de pós-graduação em Linguística Aplicada estão vinculadas à área *Letras*. Do total geral de programas, apenas 3% se enquadra nesse tipo, como demonstrado na seqüência.

Grande Área: Linguística, Letras e Artes					
Área: Letras					
Programa	IES	UF	Conceito		
			M	D	F
<u>Interdisciplinar Linguística Aplicada</u>	UFRJ	RJ	4	-	-
<u>Linguística Aplicada</u>	FUNECE	CE	3	-	-

M - Mestrado Acadêmico, D - Doutorado, F - Mestrado Profissional

Tabela 5: Instituições que oferecem pós-graduação *stricto sensu* na área Letras (Letras/Linguística)

A fim de fazer a amostragem do que sobre gênero vem sendo feito nos programas de pós-graduação em Linguística Aplicada, realizei uma pesquisa nos dados veiculados pela CAPES observando as linhas e projetos de cada um dos programas de Linguística Aplicada, tentando identificar a existência de alguma que aparente proporcionar ao pós-graduando oportunidade para o desenvolvimento de trabalhos sobre gênero. Observei, também, a partir dos títulos das dissertações e teses defendidas, aqueles que mostram ou sugerem o desenvolvimento de pesquisas sobre gênero. Esses dados são apresentados na seqüência por instituição<sup>9</sup>.

#### 4.1. Universidade de Brasília – UnB

Na Universidade de Brasília, o programa oferecido em Linguística Aplicada é apenas em nível de Mestrado. Há somente uma área de concentração (Ensino/Aprendizagem em

<sup>9</sup> Por falta de espaço, não apresentarei os quadros e tabelas que elaborei para a quantificação total dos dados, os quais aparecem de maneira resumida. Também não apresentarei dados sobre os projetos de pesquisa de cada instituição.

LE/L2) e duas linhas de pesquisa (Processo aquisicional em ensino formal de língua estrangeira e/ou segunda língua e Interculturalidade, comunicação e aprendizagem de línguas).

O fato de o programa de pós-graduação da UnB ter, desde 2000, 61 trabalhos defendidos e nenhum deles abordar o gênero causou certa estranheza, mesmo sendo a área de concentração do programa *Ensino/Aprendizagem em LE/L2*. Penso ser difícil desenvolver pesquisas nessa área sem ao menos tangenciar o gênero.

Observando os projetos de pesquisa da instituição fica evidente que nenhum deles vem sendo desenvolvido a partir do gênero como tema. Talvez uma investigação mais cuidadosa sobre os trabalhos defendidos, observando as palavras-chave ou o resumo das dissertações, por exemplo, mostrasse que pelo menos alguns deles abordaram, de algum modo, o gênero.

#### **4.2. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS**

Na UNISINOS, o programa oferecido em Lingüística Aplicada é também apenas em nível de Mestrado. Há somente uma área de concentração (Linguagem, Contextos e Aprendizagem) e três linhas de pesquisa (Aquisição, ensino e aprendizagem de línguas; Linguagem, tecnologias e educação e Interação e aprendizagem em contextos específicos).

Na observação específica dos dados da instituição, nota-se que, embora ela tenha uma linha de pesquisa voltada para o ensino e aprendizagem de línguas e um projeto de pesquisa sobre desenvolvimento da narrativa e o processo de construção da escrita, nenhum trabalho defendido até então aborda a questão do gênero.

Outro projeto de pesquisa desenvolvido pela UNISINOS, o qual poderia/deveria ter trabalhos defendidos ao menos mencionando o gênero, é o projeto sobre produção textual nas séries iniciais, apesar de ele valorizar mais a questão fonológica. Porém, como também aborda a textualidade da escrita nas séries iniciais, penso ser impossível não mencionar o gênero. Pode ser que, como falei a respeito da UnB, uma investigação mais cuidadosa nos trabalhos defendidos mostre alguma abordagem sobre o gênero.

#### **4.3. Universidade de Taubaté - UNITAU**

Na UNITAU, o programa oferecido em Lingüística Aplicada é também apenas em nível de Mestrado. Há somente uma área de concentração (Língua Materna) e três linhas de pesquisa (Ensino/aprendizagem de língua materna; Procedimentos de produção do discurso verbal e Formação de professores de línguas).

A UNITAU chama a atenção pelo fato de apresentar dois projetos de pesquisa que abordam o gênero (discursivo): um na linha *Ensino/aprendizagem de língua materna*, e outro na linha *Procedimentos de produção do discurso verbal*; mesmo número de abordagem, como será visto posteriormente, da UNICAMP, que tem cinco áreas de concentração, enquanto a UNITAU só tem uma, e trinta e cinco projetos de pesquisa, enquanto que a UNITAU só tem quinze.

Porém, as considerações favoráveis à UNITAU param aí, uma vez que dos sete trabalhos defendidos em 2004, por exemplo, nenhum aborda o gênero. Desses trabalhos, 43% são da linha de pesquisa *Ensino/aprendizagem de língua materna* e 57% da linha *Procedimentos de produção do discurso verbal*. No entanto, nenhum deles se enquadra nos projetos que abordam o gênero.

#### **4.4. Fundação Universidade Estadual do Ceará - FUNECE**

Na FUNECE, o programa oferecido em Lingüística Aplicada é também apenas em nível de Mestrado. Há somente uma área de concentração (Tradução e Ensino/Aprendizagem de LE/L2) e três linhas de pesquisa (Leitura, escrita e letramento; Contextos educacionais e processos de ensino/aprendizagem de línguas e Tradução, lexicologia e processamento da linguagem).

Segundo dados do portal CAPES, a FUNECE não apresenta nenhum projeto de pesquisa sobre gênero e nenhuma das dissertações defendidas abordam o tema. A FUNECE não abordar o tema gênero é um fato lamentável, uma vez que suas linhas de pesquisa, especialmente a primeira mostrada anteriormente, deveriam apresentar projetos e dissertações de mestrado sobre o gênero.

#### **4.5. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ**

Na UFRJ, o programa oferecido em Lingüística Aplicada é também apenas em nível de Mestrado. Há somente uma área de concentração (Interação e Discurso) e duas linhas de pesquisa (Discurso e práticas sociais e Discurso e transculturalidade).

Pela tradição e tempo de existência da universidade, estranhei o fato de somente duas linhas de pesquisa estarem ativas e de apenas 11 projetos estarem em execução, da mesma forma que estranhei a universidade não oferecer pós-graduação *stricto sensu* em nível de Doutorado.

Por outro lado, já esperava, pelo teor das linhas de pesquisa, que não contemplassem nenhum projeto que pelo menos tangenciasse o gênero. Também já esperava que não haveria nenhum trabalho de Mestrado defendido sobre ele, apesar de o primeiro projeto da linha *Discurso e Práticas Sociais* ser sobre um gênero (resumo). Talvez, como disse em outros casos, pela leitura do resumo do trabalho ou pelas suas palavras-chave fosse possível detectar menção ao tema gênero no seu decorrer.

#### **4.6. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

Na UNICAMP, o programa oferecido em Lingüística Aplicada é em nível de Mestrado e Doutorado. Há cinco áreas de concentração (Teoria, prática e ensino da tradução; Multiculturalismo, plurilingüismo e educação bilíngüe; Língua materna; Língua estrangeira e Linguagem e tecnologias) e oito linhas de pesquisa (Língua, tradução e cultura; Subjetividade e identidade, desconstrução e psicanálise; Letramento; Escolarização em contextos bilíngües/bidialectais; Linguagem, ensino e mediação tecnológica e letramento digital; Práticas discursivas, interação e avaliação em contextos institucionais; Ensino/aprendizagem de português segunda língua e de línguas estrangeiras; Interpretação e autoria na leitura e na produção escrita).

O programa de pós-graduação da UNICAMP apresenta um diferencial considerável em relação ao das outras instituições até então mostradas: primeiro por ter Mestrado e Doutorado, segundo por ter cinco áreas de concentração, enquanto as outras instituições só têm uma cada, terceiro por ter vários projetos de pesquisa desenvolvidos nas respectivas linhas.

Porém, chama a atenção o fato de o gênero ser um tema quase não desenvolvido nos projetos de pesquisa da instituição. Somente em dois deles (5% do total) o gênero (discursivo) aparece: em um da linha de pesquisa *Letramento*, e outro na linha *Ensino/aprendizagem de português segunda língua e de línguas estrangeiras*.

Diferente das outras instituições que desenvolvem trabalhos sobre segunda língua, a UNICAMP aborda o gênero (discursivo) em um projeto nessa linha (Sílabo cultural e *gêneros discursivos* na produção verbal em língua estrangeira: foco em cursos universitários [língua espanhola no Brasil]). Esse fato chama a atenção, uma vez que, das instituições brasileiras que têm programas de Lingüística Aplicada, a UNICAMP é a única que faz essa abordagem em suas pesquisas sobre língua estrangeira e segunda língua, mesmo não sendo a linha de pesquisa que faz essa abordagem relacionada ao ensino/aprendizagem de língua, nem o projeto desenvolvido nessa linha estar ligado à questão.

Outro diferencial notado diz respeito ao número de dissertações e teses defendidas na instituição abordando o gênero. No entanto, apesar de a UNICAMP ter trabalhos defendidos com essa abordagem, o número deles é insignificante, uma vez que representa somente 4% do total de trabalhos defendidos desde 1998. Por outro lado, esse número é coerente com o que se pode perceber a respeito do número dos projetos de pesquisa da instituição que abordam o gênero.

#### **4.7. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP**

Na PUC/SP, o programa oferecido em Lingüística Aplicada é também em nível de Mestrado e Doutorado. Há uma área de concentração (Lingüística aplicada e estudos da linguagem) e quatro linhas de pesquisa (Linguagem e trabalho; Linguagem e educação; Linguagem e patologias da linguagem e Linguagem, tecnologia e educação).

A PUC/SP, da mesma forma que a UNICAMP, é uma instituição que oferece o programa de pós-graduação em Lingüística Aplicada em dois níveis: Mestrado e Doutorado. Porém, diferente da UNICAMP, só tem uma área de concentração.

Um fato que chama atenção nos dados da PUC/SP diz respeito à não existência de projetos de pesquisa sobre gênero, apesar de uma de suas linhas ser sobre Educação, e essa linha aceitar trabalhos sobre o tema.

Porém, mesmo não havendo projeto de pesquisa sobre gênero, a PUC/SP apresenta 4% de seus trabalhos de Mestrado e Doutorado defendidos desde 1998 abordando o tema. Convém lembrar que a UNICAMP apresenta um total geral de 5% de trabalhos defendidos abordando o gênero. Mas, diferente da PUC/SP, apresenta dois projetos de pesquisa que abordam o gênero. Dessa forma, apesar de a PUC/SP não ter projeto de pesquisa abordando o tema, acaba demonstrando mais interesse pela pesquisa sobre gênero do que a UNICAMP.

Duas são as linhas de pesquisa da PUC/SP que apresentam trabalhos defendidos abordando o gênero: *Linguagem e trabalho* e *Linguagem e educação*. Desses trabalhos, 44% se enquadram na primeira linha, e 56% na segunda.

### **5. Os gêneros da ordem do argumentar no SIGET**

Em um evento sobre gêneros, não poderiam faltar os da ordem do argumentar. Pensando nisso, procedi à observação dos trabalhos apresentados no SIGET, I a III, em busca de dados quantitativos a respeito do que se discutiu e se falou sobre esses gêneros nesse evento.

Na seqüência, apresento os títulos dos trabalhos apresentados sobre os gêneros da ordem do argumentar, sua modalidade e autoria.

<b>I SIGET</b>	
<b>Título do trabalho/modalidade</b>	<b>Autor(a)</b>
1. Os problemas na argumentação e na coerência dos textos dissertativos produzidos no ato do vestibular (comunicação oral)	L. C. Pryjma
2. O gênero textual artigo de opinião: o desafio do vestibulando (comunicação oral)	A. G. M. O. D'Andrea & E. Lopes

Quadro 4: Os gêneros da ordem do argumentar no I SIGET

Surpreendentemente baixo o número de ocorrências de trabalhos apresentados no I SIGET abordando os gêneros da ordem do argumentar. Do total de trabalhos apresentados, entre conferências, mesas-redondas, comunicações orais e mini-cursos, excluídos aqueles sobre Linguística Contrastiva, somente 2% abordou esses gêneros, embora, como mostrado anteriormente, 32% do total de trabalhos apresentados tenha sido sobre gênero específico.

Os trabalhos apresentados no I SIGET sobre os gêneros da ordem do argumentar foram enquadrados no subtema “Análise de Gêneros Textuais”. Com isso, percebe-se o quanto a questão do ensino dos gêneros da ordem do argumentar na escola é insignificante. Mais que isso, percebe-se que existe falta de clareza sobre o que ensinar em cada gênero, uma vez que não houve nenhum trabalho que fosse colocado no subtema “Gêneros Textuais e Ensino”.

Não muito diferente é o que foi notado com relação ao II SIGET, como pode ser visto na seqüência.

<b>II SIGET</b>	
<b>Título do trabalho/modalidade</b>	<b>Autor(a)</b>
1. Gênero textual “artigo de opinião autoral”: as regularidades de sua organização retórica (comunicação oral)	M. E. Giering
2. O processo de referenciação e a construção do texto argumentativo (comunicação oral)	M. T. V. Abreu
3. Avaliação das estruturas sintático-semântica e argumentativas do texto dissertativo (comunicação oral)	S. Busse
4. A orientação argumentativa nos gêneros textuais “crônica”, “resenha”, “sinopse” e “verbete de dicionário” (comunicação oral)	C. da C. Feliz & M. C. de S. Bevilacqua
5. Os gêneros textuais “anúncio classificado”, “autobiografia”, “poema”, “propaganda” e “receita”: uma abordagem argumentativa (comunicação oral)	D. G. de Paula, J. K. Oh & L. G. Marques
6. Gêneros textuais e atividade argumentativa em sala de aula (comunicação oral)	V. H. D. de Melo
7. Cartas do leitor: caracterização do gênero e uma proposta metodológica (comunicação oral)	R. R. de Carvalho
8. Argumentar se ensina: apropriação do gênero texto de opinião por alunos de 4ª série (comunicação oral)	S. M. de Q. Bento
9. O gênero opinativo no ensino (comunicação oral)	O. R. M. Pinto
10. O gênero do argumentar em foco: a análise de um artigo opinativo da <i>Folha de São Paulo</i> (comunicação oral)	A. V. Gonçalves

Quadro 5: Os gêneros da ordem do argumentar no II SIGET

Esse total de trabalhos apresentados, entre palestras, conferências, mesas-redondas, comunicações orais e painéis, abordando gêneros da ordem do argumentar, corresponde a 7% de tudo a respeito do que foi abordado no evento.

Mais uma vez o número de trabalhos sobre gêneros da ordem do argumentar é irrisório se for levado em conta que 38% de tudo o que foi mostrado no II SIGET, dentre as modalidades de apresentação, tenha sido sobre gênero específico, provavelmente sobre gêneros da ordem do narrar.

Os dados quantificados no III SIGET vêm na seqüência.

<b>III SIGET</b>	
<b>Título do trabalho/modalidade</b>	<b>Autor(a)</b>
1. Análise retórico-crítica de gêneros opinativos midiáticos impressos: o editorial e a crônica (comunicação oral)	M. F. O. Santos
2. A argumentação no gênero carta ao leitor (comunicação oral)	S. L. L. Pillon & N. C. A. de Barros
3. Parece, deve, pode ser: transitividade e modalização no gênero editorial (comunicação oral)	M. M. de Souza
4. Estratégias argumentativas do sermão da Sexagésima: em busca da definição de um gênero (comunicação oral)	M. E. Soares
5. Léxico e argumentação no gênero cartas de leitor (comunicação oral)	E. da S. Fontel
6. Metodologias para análise de gêneros da ordem do argumentar no Ensino Médio (oficina)	E. P. A. Padilha & M. J. Macagnan

Quadro 6: Os gêneros da ordem do argumentar no III SIGET

O III SIGET ofereceu aos participantes palestras, mesas-redondas, comunicações orais e oficinas. Do total dessas atividades, 3% abordaram os gêneros da ordem do argumentar. Houve queda em relação ao II e um insignificante aumento em relação ao I.

Como os trabalhos apresentados no III SIGET foram enquadrados em linhas temáticas, coloco na seqüência o valor percentual de cada um em relação ao total de apresentações em cada linha<sup>10</sup>.

<b>Linha temática</b>	<b>Valor percentual</b>
1. Outros tópicos relacionados aos gêneros textuais	7%
2. Análise de gênero textual	2%
3. Gêneros textuais, ensino e aprendizagem da linguagem	2%

Tabela 6: Valor percentual de trabalhos sobre gêneros da ordem do argumentar por linha temática em relação ao total

Novamente é muito pequeno o número de trabalhos sobre gêneros da ordem do argumentar. Apesar de o III SIGET ter apresentações sobre ensino e aprendizagem, abordando gêneros da ordem do argumentar, o número desses trabalhos em relação ao todo é bastante baixo, o que só confirma as palavras de Rojo (1999), para quem os estudos sobre os gêneros da ordem do argumentar são bastante incipientes e insuficientes, tanto no nível da

<sup>10</sup> 01 trabalho apresentado sobre gêneros da ordem do argumentar foi oficina, a qual não se enquadrava em nenhuma linha temática do evento. Por isso, não aparece discriminada nos dados a seguir.

descrição desses gêneros quanto no nível da construção de materiais didáticos e da elaboração de estratégias para o seu ensino e apropriação<sup>11</sup>.

## **6. Os gêneros da ordem do argumentar nos cursos de pós-graduação em Linguística Aplicada**

Nenhuma das sete instituições que oferecem programas *stricto sensu* em Linguística Aplicada no Brasil menciona questões ligadas aos gêneros da ordem do argumentar.

No que diz respeito ao número de projetos de pesquisa a respeito desses gêneros, 3% é o número, em relação ao todo (109), daqueles que os abordam. Uma quantidade muito insignificante, porém já esperada, tendo em vista o fato de que nenhum dos programas de pós-graduação em destaque apresenta área de concentração e/ou linhas de pesquisa sobre esses gêneros.

Em se tratando de teses e/ou dissertações defendidas sobre esses gêneros, apenas 2% do total de trabalhos defendidos (17) aborda os da ordem do argumentar.

Esses dados reforçam a emergência de trabalhos sobre esses gêneros, não só a respeito de seu ensino, mas também a respeito de sua “arquitetura” textual e de sua apropriação por parte dos alunos. Esse segundo tipo de trabalho é o que proponho em meu estudo de doutorado.

## **7. Considerações finais**

Neste artigo, mostrei dados quantitativos do que foi apresentado nos três primeiros SIGET, sob forma de comunicação, palestra/conferência/mesa redonda, minicurso/oficina, acerca dos gêneros de maneira geral e sobre os argumentativos. Objetivei, com isso, possibilitar a visualização do que vem sendo pesquisado acerca do gênero na Pós-Graduação, em especial ligado ao seu ensino, tendo em vista que os participantes que apresentaram trabalhos no SIGET são ligados a um programa dessa natureza, seja na condição de aluno, seja na condição de professor.

Mostrei, também, dados, obtidos no portal CAPES, a respeito da produção acadêmica em sete universidades brasileiras que oferecem pós graduação em Linguística Aplicada acerca do gênero em geral e dos argumentativos.

Com a mostra dos dados, foi possível notar um aumento considerável no número de participantes do SIGET desde a sua criação. Do I para o III, por exemplo, houve um aumento de 46% no número de trabalhos apresentados. No que diz respeito às modalidades de apresentação de trabalhos, no I e no III SIGET, o número de comunicações orais apresentadas foi exatamente o mesmo. Porém, houve diminuição no número de palestras/conferências/mesas-redondas. Do II para o III houve diminuição no número de palestras/conferências/mesas-redondas e comunicações orais. Porém, houve aumento no número de oficinas, embora no II não tenha sido oferecida essa modalidade. Assim, a observação do aumento foi feita com base no número de painéis apresentados no II SIGET em relação às oficinas, colocando essas modalidades em mesmo nível por não serem elas nem palestras/mesas-redondas/conferências, nem comunicações orais.

Observando as instituições participantes do SIGET, percebe-se a atuação de pesquisadores (alunos e professores) daquelas que oferecem programa de pós-graduação em

---

<sup>11</sup> Observando o que indicam os PCN (1998), percebe-se que o encaminhamento para as tarefas a serem desenvolvidas com os gêneros da ordem do argumentar são bastante breves. A palavra *argumentação*, e suas derivadas de mesmo efeito de sentido, aparece apenas 14 vezes no documento oficial. Não só por isso, os professores têm uma considerável dificuldade em elaborar e desenvolver um trabalho coerente com esses os gêneros.

Linguística Aplicada, as quais foram mostradas anteriormente. No I SIGET, das 7 instituições que oferecem programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 4 participaram: UNICAMP, PUC/SP, UNITAU e UFRJ.

Em termos quantitativos, o número de trabalhos apresentados por cada instituição, em relação ao todo, é o seguinte:

1. PUC/SP: 14%
2. UFRJ: 8%
3. UNITAU: 8%
4. UNICAMP: 3%

Já no II SIGET, 6, dentre as 7 instituições, participaram: UNICAMP, PUC/SP, UNITAU, UNISINOS, UFRJ e UnB. Somente a FUNECE não participou.

Em termos quantitativos, o número de trabalhos apresentados por cada instituição em relação ao todo é o seguinte:

1. UNICAMP: 5%
2. PUC/SP: 5%
3. UNITAU: 3%
4. UNISINOS: 3%
5. UnB: 1%
6. UFRJ: 1%

No III SIGET, a FUNECE e a UFRJ são as instituições, dentre as que oferecem programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, a não participarem do evento. As demais participam com os seguintes números de atuação em relação ao todo:

1. UNICAMP: 6%
2. PUC/SP: 3%
3. UNISINOS: 2%
4. UnB: 1%
5. UNITAU: 1%

A PUC/SP ocupa o primeiro lugar no I SIGET em número de apresentação de trabalhos. Já no II e III, A UNICAMP e a PUC/SP ocupam os primeiros lugares. Esse fato já era esperado. E seria estranho se assim não fosse, tendo em vista o número de trabalhos de pós-graduação defendidos nas duas instituições abordando o gênero. Com isso, nota-se a importante participação das duas universidades paulistas que oferecem pós-graduação em Linguística Aplicada na produção acadêmica sobre gênero.

A baixa participação da UNISINOS e UNITAU em número de apresentação de trabalhos no SIGET já era esperada, levando em conta o fato de que as duas instituições não têm nenhum trabalho de pós-graduação defendido abordando o gênero, embora a UNITAU tenha dois projetos de pesquisa que abordam o tema<sup>12</sup>. Porém, essa justificativa não se aplica totalmente, porque a UnB também não tem nenhum trabalho defendido, nenhuma linha e nenhum projeto de pesquisa sobre gênero, mas teve participação no evento, apesar de ser uma participação quase insignificante.

---

<sup>12</sup> No entanto, a UNITAU ficou em segundo lugar em número de apresentações no I SIGET.

Para a baixa atuação da UFRJ em um ano e ausência de participação no ano seguinte, hipotetizo que isso foi devido ao fato de a instituição não ter nenhum projeto, nenhuma linha de pesquisa e nenhum trabalho defendido sobre gênero desde 1998.

Para a não participação da FUNECE não consegui levantar nenhuma hipótese. Talvez isso tenha acontecido pela distância geográfica entre a cidade sede da instituição e as cidades onde aconteceu o evento, todas na região sul do país.

Para concluir, gostaria de salientar que o levantamento do que vem sendo pesquisado sobre gênero no Brasil, argumentativo ou não, é importante, uma vez que mostra o emergente debate sobre o tema e auxilia a análise do processo mais amplo em que o conceito de gênero se constitui.

## Referências

- BAKHTIN, M. “Os gêneros do Discurso”. In BAKHTIN, M. *Estética da criação Verbal*, pp. 277-326. SP: Martins Fontes, 1952-53/1979.
- BHATIA, V. K. *Analysing Genres: Language use in professional settings*. London: Longman, 1997
- BONINI, A. “O Ensino de Gêneros Textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas”. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada n° 37*. Campinas. pp.: 7-23, 2001.
- BRANDÃO, H. N. “Texto, gênero do discurso e ensino” In BRANDÃO, H. N. (org.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRASIL (SEF/MEC) (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais – 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa/ Introdução*. Brasília, DF: SEF/MEC.
- CANDLIN, C. N. “Prefácio a Bhatia”. In: BHATIA, V. *Analysing genre: language in professional settings*. London: Longman, 1993.
- MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- RODRIGUES, R. H. “Questões Teóricas: a noção de gênero do discurso”. In: *Linguagem em Discurso*. v. 4, nº 2. Tubarão: Ed. Unisul, 2004.
- ROJO, R. H. R. “Gêneros do discurso e gêneros textuais: Questões teóricas e aplicadas”. In MEURER, J. L. et al. (orgs). *Gêneros: Teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.
- TODOROV, T. “The origin of genres”. In: PORTE, C. *Genres in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.